

DISCURSO (E INTERAÇÕES) ECOLÓGICO (AS) EM *PARASYTE – THE MAXIM*: REFLEXÕES SOBRE “SER HUMANO”

*ECOLOGICAL DISCOURSE (AND INTERACTIONS) IN PARASYTE – THE MAXIM:
REFLECTIONS ON “HUMAN BEING”*

Alberto Lopo Montalvão Neto

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil. E-mail: neto_19901812@yahoo.com.br

Wanderson Rodrigues Morais

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil. E-mail: w193195@dac.unicamp.br

Éderson Luís Silveira

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil. E-mail: ediliteratus@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.46550/amormundi.v2i2.64>

Recebido em: 28.01.2021

Aceito em: 26.02.2021

Resumo: Ao longo dos últimos anos, as animações têm adquirido lugar de destaque no cenário de pesquisas acadêmicas, mostrando-se um meio de interesse para estudos de aspectos representacionais e sociológicos, com expressivo potencial educativo que se estende para além do entretenimento. Nesse sentido, torna-se promissora a análise das representações de sociedade veiculadas por essas produções audiovisuais, elucidando relações contemporâneas e propondo reflexões. Nesta pesquisa, temos como foco de discussão a animação japonesa intitulada *Parasyte - The Maxim*, que coloca em tensão as relações entre ser humano e natureza, a partir da produção de discursos ecológicos/ambientais. A partir de compreensões sobre o discurso ambientalista, procuramos refletir sobre alguns enunciados da trama, que podem ser extrapolados na tentativa de compreender a posição do ser humano como ser integrante de um ecossistema. Tais reflexões avançam em direção à crise sanitária, ambiental e socioeconômica que vivemos devido à Covid-19. Notamos que na animação ocorre um embate a partir da concepção antropocêntrica de sociedade, entre um discurso de proposição a novos modos de produção/existência não predatórios e integrados ao meio ambiente, a favor de um equilíbrio ecossistêmico, em contraposição a outro discurso, consoante à manutenção do hegemonicamente instituído pelo ser humano perante a natureza, em que o desenvolvimento econômico e as questões ambientais se ajustam aos seus anseios de forma ilusória.

Palavras-chave: Anime. Relação ser humano x natureza. Discurso ambientalista. Pandemia.

Abstract: *Over the last few years, animations have acquired a prominent place in the academic research scene, showing to be a means of interest for studies of representational and sociological aspects, with expressive educational potential that extends beyond entertainment. In this sense, the analysis of representations of society conveyed by these audiovisual productions becomes promising, elucidating contemporary relationships and proposing reflections. In this research, we focus on the Japanese animation entitled Parasyte - The Maxim, which puts in tension the relations between man and nature, from the production of ecological/environmental discourses. From understandings about the environmental discourse, we try to reflect on some statements of the plot, which can be extrapolated in an attempt to understand the position of the human being as an integral being of an ecosystem. Such reflections advance towards the sanitary, environmental and socioeconomic*



crisis that we live in due to Covid-19. We note that in animation there is a clash from the anthropocentric conception of society, between a discourse of proposition to new modes of production/existence not predatory and integrated to the environment, in favor of an ecosystem balance, in opposition to another discourse, depending on the maintenance of the hegemonically instituted by the human being before nature, in which economic development and environmental issues adjust to their anisusory its anisusory.

Keywords: *Anime. Relationship human being x nature. Environmental discourse. Pandemic.*

1 Introdução

Nas últimas décadas, as animações, sob diferentes aspectos, têm ganhado notório destaque em vários contextos, sobretudo no âmbito das pesquisas acadêmicas. Nesse sentido, as séries animadas não apenas se tornaram um objeto de interesse do público infantojuvenil, como também passam a ser consideradas meios relevantes para análises discursivas, representacionais, sociológicas e, também, possíveis propostas de cunho educacional, visto que essas produções podem influenciar os processos de ensino-aprendizagem, bem como na constituição de modos de identificação e desidentificação subjetiva dos interlocutores que consomem tal produção audiovisual. Isso ocorre devido aos processos de identificação dos sujeitos com essas animações. Sendo representações da realidade por meio de desenhos, cenários e diálogos, elaborados a partir de diferentes recursos gráficos, as animações envolvem os seus telespectadores a partir de tramas cativantes e passam a fazer parte de suas vidas cotidianas (CAMPOS, WOLF & VIEIRA, 2014).

Conforme apontam Campos, Wolf e Vieira (2014, p. 2) “em toda sua história vemos a busca do homem para representar as coisas do mundo que vê ao seu redor”. E, no que se refere à televisão, um dos maiores meios de comunicação e divulgação de todos os tempos, podemos dizer que, ao longo dos anos, a TV passa a ser “componente indispensável para as grandes massas populares da sociedade contemporânea” (HERSKOVIC, 2005, p. 15). Além disso, a respeito da forma como as séries animadas têm evoluído ao longo dos tempos, podemos afirmar que:

[...] o percurso das animações infantis e juvenis possa ser dividido, basicamente, em quatro momentos distintos, descritos aqui como período de formação do gênero (1920 – 1960), período de consolidação e legitimação no mercado (1960-1980), período das narrativas híbridas (1980 – 2000) e período inovador ou pós moderno (2000 – 2015) (LUIZ, 2017, p. 2).

Considerando as animações como um conjunto de recursos audiovisuais que têm efeitos consideráveis na vida cotidiana, devido as características descritas, no presente trabalho buscamos compreender como uma produção japonesa denominada *Parasyte – The Maxim* pode ser um meio promissor para (re)pensarmos a respeito do cenário de crise no qual estamos inseridos hodiernamente por causa da pandemia do coronavírus. Considerando que as animações podem trazer interessantes representações da realidade, julgamos que esse anime apresenta-se como um meio promissor para tecer reflexões a respeito do que é ser humano, e das relações e impactos presentes na relação Ser humano x Natureza. Assim, a partir de reflexões sobre as tensões entre o ecológico e o político, nos debruçamos sobre dizeres da referida animação.

2 A polissemia em torno do ecológico e a contraposição de uma visão antropocêntrica

As questões ecológicas configuram-se como um campo de conhecimentos que tem ganhado espaço em diferentes perspectivas. Entre elas, podemos apontar às relações da disciplina – aqui pensada como um conjunto de saberes de cunho disciplinar, que produzem modos de disciplinarização nos sujeitos – com o campo político. Há também um atravessamento das “fronteiras que definem a cientificidade do discurso ecológico, em direção a outros discursos e buscando os elementos da sua condicionalidade social” (COUTINHO, 1992, p. 42). Nesse sentido, Coutinho (1992) aponta que a ecologia é influenciada por transformações dos campos científico e político, expressando-se por meio de discursos de ambos. A tensão entre o discurso científico a respeito da ecologia e o campo político é acirrada ao passo que se tornam práticas de diferentes movimentos, fazendo circular sentidos que preconizam discursos ditos ecológicos e ambientais, engendrando modos de ser na sociedade. Vale destacar, para fins de demarcação conceptual, que, a respeito da expressão discurso ecológico/ambiental, a literatura se mostra vasta e abarca distintos vieses, sobretudo no que diz respeito a filiações às teorias da linguagem¹.

Nesse contexto, partimos de algumas reflexões propostas por Carvalho (1989) e Layrargues (2002), ao considerarem o discurso ecológico como aquele que estabelece efeitos de verdade, normas e princípios reguladores do funcionamento social. Nesse sentido, Carvalho (1989) compreende dois tipos de discursos ecológicos: a) um discurso ecológico oficial, quando é produzido pelo jurídico, ou seja, pelos organismos governamentais, apresentando-se como um consenso a respeito da questão ambiental e, geralmente, sendo de caráter limitado, por imprimir juízos e se comprometer com os modelos de produção capitalista; e b) um discurso ecológico alternativo, quando provém dos setores sociais, como, por exemplo, os movimentos ambientais, e que empreendem uma crítica radical ao modelo de produção industrial, a favor de modos não predatórios, voltado para a ética das relações entre os seres humanos. Assim, “[...] o campo constituinte dos discursos ecológicos abriga, dessa forma, uma disputa de territórios de afirmação, onde cada interpretação concorre para veicular um desejo e uma vontade de poder antagônicos” (CARVALHO, 1989, p. 81).

Em outra perspectiva, Layrargues (2002) entende os discursos ecológicos como ambientais, na medida em que se volta para as questões ambientais. Porém, isso ocorre de forma distinta, em vista da defesa ou subversão ao modelo de produção e ao desenvolvimento econômico. Nessa relação, governo e movimentos ambientais tencionam o campo discursivo. Ademais, McCormick (1992) aponta que as raízes do movimento ambientalista moderno se deram ao longo da década de 1970, cujas bases foram fundamentalmente ligadas às questões biológicas e ecológicas. Reconhecemos que alguns autores intitulam tais movimentos como ecologistas, não estabelecendo distinções. Todavia, na presente pesquisa, adotamos a nomenclatura proposta por Carvalho (2001), ao afirmar que ecologista/ecologismo:

É aplicado ao movimento ecológico propriamente dito, sendo associado a questionamentos e propostas de mudanças radicais quanto ao modelo de desenvolvimento e ao estilo de vida. Por outro lado, ambientalismo e ambientalistas denominam um conjunto mais amplo de movimentos e atores que, na esfera de difusão do ecologismo, aderem a um ideário de preservação e gestão sustentável do

1 Para melhor compreensão deste aspecto, apontamos trabalhos como os de Carvalho (1989), Motta (2003), Bonfiglioli (2005), Medeiros (2009), Silva (2011) e Layrargues (2002).

meio ambiente, incluindo, portanto uma variação ideológica que inclui ideários e propostas de mudanças menos radicais quanto ao modelo de desenvolvimento (CARVALHO, 2001, p. 29).

Cabe ressaltar que Bonfiglioli (2005) também considera o ecologismo um defensor da ruptura com os modos de produção e consumismo do capitalismo avançado, e o ambientalismo “como o discurso ecológico empresarial, ou seja, o discurso ecológico apropriado pelo sistema econômico hegemônico” (BONFIGLIOLI, 2005, p. 13), numa lógica que compreende o modelo capitalista como compatível com as questões ambientais. Em vista das colocações dos pesquisadores supracitados, ao empregarmos a expressão *discurso ambientalista oficial*, nos referimos aos dizeres que propõem um modelo de desenvolvimento econômico e social que estão em consenso com a esfera ambiental, e, sobretudo, aos proferimentos oriundos de movimentos hegemônicos e governamentais. De modo complementar, ao empregarmos a expressão *discurso ambientalista alternativo*, pressupomos a existência de dizeres cuja lógica se opõe ao modo atual de produção, rejeitando a sociedade como algo posto, pensando tal discurso como advindo de camadas populares e movimentos ambientais. Nessa perspectiva, conforme colocado por Coutinho (1992), sobre o discurso ambientalista alternativo, trata-se de

[...] um discurso de crítica à modernidade, em função da qual ele configura seu projeto utópico de transformação social. A crítica à modernidade é feita sob a forma de uma rejeição da sociedade ocidental moderna como um todo ou como um ataque a seus produtos e expressões particulares de seu pensamento. Assim é que são alvos importantes do criticismo ambientalista a ciência moderna, sua tecnologia, a arrogância cultural que se expressa como colonialismo e pensamento etnocêntrico, os padrões de produção e consumo do capitalismo e o próprio desenvolvimento, enquanto crescimento econômico (COUTINHO, 1992, p. 45).

No que diz respeito aos modos de produção e a relação estabelecida com a natureza, sobre o ser humano, pode-se dizer que “[...] à medida que se empenhou em controlar a natureza e, em seguida, explorar os recursos naturais de maneira mais eficiente e lucrativa, a natureza tornou menos ameaçadora. Mas a ameaça de um meio ambiente insubmisso foi removida para dar lugar à ameaça de um meio ambiente supercontrolado” (MCCORMICK, 1992, p. 191). É a partir desse supercontrole que o ser humano passa a não só criar desigualdades sociais, como também se insere em uma posição que busca a ilusória separação ser humano x natureza, sobrepujando-a e colocando-se como detentor de seus recursos. Abre-se, portanto, uma lógica antropocêntrica, na qual a natureza torna-se produto consumível e acumulável pelos seres humanos sob a forma de bens de consumo. Assim, inúmeras reflexões e eventos histórico-filosóficos voltados para a relação dos seres humanos com o ecossistema “foram sendo legitimados com o passar do tempo e a intensificação dos efeitos nocivos das ações humanas sobre o meio também” (SILVEIRA & SANTANA, 2020, p. 99).

Nesse sentido, a visão antropocêntrica pode ser compreendida “[...] como espaço de manipulação, exploração e apropriação pela cultura, pelo humano” (JUNQUEIRA & KINDEL, 2009, p. 146). Além disso, Junqueira e Kindel (2009) apontam que, apesar dessa concepção antropocêntrica estar se alterando ao logo do tempo, ela ainda permanece fortemente enraizada nas relações humanas e nas concepções de ensino das Ciências Naturais. Diante disso, compreende-se que:

[...] centrar o estudo das bactérias nas doenças humanas a elas associadas, em detrimento de seu papel como agente decompositor, o estudo das serpentes à presença ou não de peçonha, desconsiderando sua necessidade de defesa dos predadores e de capturar presas, dos insetos em classificações como úteis ou nocivos, dando a alguns o status de amigos do homem e a outros de inimigos (como a abelha, por produzir mel e os mosquitos, por atacarem os humano, respectivamente). O conceito de utilidade é genuinamente humano e desconsidera visões mais sistêmicas ou ecológicas da existência dos seres vivos e não vivos (JUNQUEIRA & KINDEL, 2009, p. 152-153).

Além disso, McCormick (1992) aponta que, diante das preocupações com as questões ambientais ao longo do século XX, os bens materiais deixaram de ser o cerne das preocupações sociais, dividindo os holofotes com a qualidade de vida. Isso ocorre a partir do movimento em que a sociedade passa a perceber que o seu desenvolvimento predominantemente capitalista e industrializado não se sustenta tal como é organizado. Surge, então, o Paradigma Ambiental, preocupado com valores alicerçados na “[...] conservação de recursos, na proteção ambiental e nos valores básicos de compaixão, justiça e qualidade de vida”, em contraposição a um “[...] Paradigma Social Dominante, um conjunto de crenças e valores que incluía os direitos de propriedade privada, a fé na ciência e na tecnologia, o individualismo, o crescimento econômico, a sujeição da natureza e a exploração dos recursos naturais (MCCORMICK, 1992, p. 192).

Ao nos debruçarmos sobre os enunciados produzidos pela animação *Parasyte – The Maxim*, compreendemos tais discursos como expressões que veiculam indícios de representações da sociedade, exprimindo percepções sobre o que se atribui à relação ser humano x natureza, que é perpassada de sentidos e que se articula às distintas posições dos sujeitos. Nesse sentido, além do caráter tipológico, que proporciona a delimitação de um discurso ambientalista ou daquilo que a definição do paradigma ao qual se subordina pode trazer, nos interessa o entendimento acerca de como tais valores se manifestam, de modo a repercutir possibilidades de debate.

3 Descrição do corpus de análise

Advindo do mangá de Hitoshi Iwaaki, publicado originalmente em 1988, *Parasyte – The Maxim*, também chamada no Japão de *Kiseijū: Sei no Kakuritsu*, é adaptado em forma de anime² no ano de 2014, sendo lançado no Brasil em 2020³. A série, por sua vez, foi produzida e lançada pelo estúdio de animação japonesa Madhouse, com temporada única, composta de 24 episódios, cujo enredo se concentra em acontecimentos relacionados a uma invasão alienígena ao nosso planeta. Na trama, esses seres extraterrestres sobrevivem, necessariamente, como uma forma de vida parasitária⁴, usando seres humanos como hospedeiros e como fonte de nutrição. Com isso, o objetivo da invasão alienígena à Terra consiste na coexistência com os seres humanos neste planeta, por meio do parasitismo de seus corpos e estabelecendo uma nova relação na cadeia alimentar terrestre, principalmente ao tornar os seres humanos uma fonte de alimentação.

2 No presente trabalho, utilizamos animações como sinônimo desta palavra. Todavia, comumente dá-se o nome de “anime” às produções do gênero que são adaptadas a partir de histórias em quadrinhos elaboradas no estilo japonês, que, por sua vez, são denominadas como “mangás”. Sendo um termo que possui diferentes definições, alguns de seus fãs consideram que para ser nomeado como “anime”, a produção desse tipo de animação deve ser feita, necessariamente, num estúdio japonês. Disponível em: <<https://trecobox.com.br/nao-e-desenho-e-anime/>>. Acesso em: 25 de jun. 2020.

3 Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/netflix/criticas/parasyte-the-maxim-critica>>. Acesso em: 19 jun. 2020.

4 Parasitas são predadores que coabitam com seus hospedeiros. Visto que seu futuro depende da sobrevivência do organismo parasitado, raramente o mata, consumindo pequenas quantidades de tecido ou nutrientes (RICKLEFS, 2009).

O jovem estudante Shinichi Izumi é o personagem de destaque na trama. Tendo o seu corpo invadido por um alienígena, por sorte, Shinichi consegue evitar que o parasita dominasse o seu cérebro, ao prender a circulação de seu braço direito com um fone de ouvido. Dessa forma, o parasita não pode assumir o controle de seu corpo e acaba consumindo (e assumindo o controle) apenas de sua mão direita. A partir disso, parasita e hospedeiro passam a conviver em uma relação de coexistência que se torna cada mais próxima daquilo que compreendemos dentro das interações ecológicas como simbiose⁵.

Apelidando-o de Migi, que em japonês significa direita, Shinichi passa a ter uma relação contraditória com o parasita, pois, ao mesmo tempo em que são aliados e necessitam estabelecer vínculos de confiança mútua para sobreviver ao ataque de outros parasitas, os princípios de ambos diferem muito. Enquanto Migi preocupa-se na maior parte do tempo com a sua própria sobrevivência, Shinichi se preocupa com o bem-estar das pessoas pelas quais nutre sentimentos afetivos e com o destino da raça humana. Todavia, conforme as duas formas de vida tornam-se ainda mais simbióticas, é possível notar mudanças no comportamento de ambos: quanto mais Shinichi tem as células de Migi incorporadas ao seu próprio corpo, menos as emoções humanas ficam naturalizadas, tornando seu instinto de sobrevivência mais aflorado. O contrário também ocorre com Migi, que, se inicialmente protegia Shinichi apenas para garantir a sua sobrevivência, ao longo da trama passa a afeiçoar-se ao garoto.

A partir desse contexto, no decorrer da história são apresentados questionamentos profundos a respeito do que é ser humano e sobre a relação do ser humano com a natureza⁶. Justamente por isso, mesmo não sendo uma série de ampla circulação nacional, consideramos que analisar a animação *Parasyte – The Maxim* pode trazer reflexões interessantes sobre as interações ecológicas, principalmente do ponto de vista da relação ser humano x natureza, entendendo que as animações podem ser um profícuo espaço para refletir a respeito dos discursos ambientalistas.

Em meio à pandemia da Covid-19, consideramos que pensar a respeito de produções audiovisuais que ajudem a refletir sobre a relação do ser humano com a natureza pode ser um caminho para compreender este momento de crise mundial no qual estamos inseridos. Essa crise não se caracteriza apenas como sanitária, mas é, também, social, econômica, política, científica e ética; por isso a análise proposta pode ser promissora para (re) pensarmos sobre a própria forma como nós, seres humanos, lidamos com a vida terrestre. Muitos discursos atribuem ao coronavírus a culpa pelo cenário atual, descentralizando o ser humano da responsabilidade sobre as alterações ecológicas e os problemas ambientais ocorridos no planeta nas últimas décadas. Esse descentramento ocorre sob efeitos de neutralidade e de objetividade que, no âmbito de um discurso bélico, de guerra ao vírus, ilusoriamente exime o ser humano de seus atos.

4 Reflexões sobre *Parasyte – The Maxim*: os discursos ambientalistas

Para a análise pretendida, consideraremos como recorte a seleção de trechos de diálogos que estão em dois episódios do anime: o episódio 21 – Sexo e espírito; e o episódio 23 – Vida e votos.

5 Termo que especifica uma associação física próxima entre espécies, na qual o simbiote ocuparia o *habitat* provido pelo hospedeiro (BEGON, 2006).

6 Disponível em: <<http://leituraverso.com.br/animes/parasyte-the-maxim-kiseijuu-sei-no-kakuritsu/?fbclid=IwAR0MI-x1fsDWZ0GpBbprdTSGvWUG7eO2VXUnxL1E5vqdXw44oV5sGHjOnOI>>. Acesso em: 19 de junho de 2020.

Sobre o primeiro, o episódio 21, trata-se de um contexto no qual as forças armadas invadem um grande edifício no qual acreditavam existir muitos parasitas disfarçados de humanos. Em uma mega operação para eliminar os alienígenas, armas muito potentes são usadas, aliadas a estratégias rebuscadas para identificar e encurralar os alienígenas. Após quase exterminarem todos os parasitas presentes, o grupo armado chega até a sala de Takeshi Hirokawa, prefeito de uma pequena cidade japonesa, pensando que este era um dos temíveis inimigos. Porém, após uma longa fala em defesa dos atos de predação aos seres humanos, o esquadrão armado descobre que Hirokawa, na verdade, era um humano que tinha se tornado aliado dos parasitas e tinha elegido a si mesmo como prefeito, no âmbito de um plano que objetivava conquistar poder político para dar força às intenções dos invasores. Sobre esse diálogo, expomos o seguinte excerto:

Hirokawa: Se pode dizer que vocês venceram esta vez. Quando se trata de matar, nada na Terra se compara aos humanos. No entanto, as ferramentas que vocês têm agora devem ter sido usadas de maneira diferente. Devem ser usadas por um objetivo muito maior: a proteção do equilíbrio da biosfera. Basicamente, a nossa verdadeira missão é reduzir o rebanho. Todos nós temos que admitir que a verdade é uma só: a nossa população precisa ser bastante reduzida. O crime do ataque ao nosso ecossistema é muito pior do que de um simples genocídio. Além disso, vocês verão que a nossa existência é de grande importância e chegarão até a nos proteger. Vocês precisam de fato ter uma grande consideração pelos seus predadores. E esses predadores se encaixam perfeitamente nessa nossa maravilhosa pirâmide ecológica. Um lugar acima dos humanos, é claro! Isso finalmente vai restabelecer o equilíbrio. É por isso que eu não consigo gostar de humanos. Caso a sua resistência seja a sua intenção final...

*Policia*l: O que você pensa que é, seu monstro maldito?

Hirokawa: Não comece agindo de modo contrário. Até mesmo a conservação é totalmente distorcida a favor da raça humana. Por que vocês não reconhecem isso? Vocês deviam considerar toda a vida na Terra, não só a prosperidade de uma espécie. Por que isso os tornaria os maiores governantes da criação? Vocês, humanos malditos, dizem serem a favor da justiça, mas há alguma justiça maior do que essa? Nós habitamos humanos e assumimos o dever de preservar o equilíbrio de todas as formas de vida. Já humanos não passam de parasitas infestando o planeta! Não... vocês são parasitas (PARASYTE, 2014, s. p.)

No enunciado supracitado, observamos uma relação com um discurso ambientalista alternativo. Notamos que há uma culpabilização da espécie humana, como aquela que destrói a biodiversidade do planeta e preocupa-se apenas com a sua própria existência (como no enunciado: “até mesmo a conservação é distorcida a favor da raça humana”). Para McCormick (1992), essa crítica volta-se a um discurso que ganha força em meados do século XX, devido à percepção de que o modo de vida do ser humano já não se adequa mais às questões ecossistêmicas do planeta. Nesse sentido, quando é mencionado, ao final do excerto destacado, que os seres humanos são parasitas que infestam o planeta, pode ser destacado que há uma oposição a uma lógica antropocêntrica (JUNQUEIRA & KINDEL, 2009) e ao Paradigma Social Dominante (MCCORMICK, 1992), que situa o ser humano como centro das relações e submete a natureza a ele. Há alguns redirecionamentos possíveis em que as relações humanas com a natureza podem ser ressignificadas. Silveira e Santana (2020) mencionam, nesse sentido, algumas contribuições situando que não podemos perceber a natureza como um ser distante, isolado, mas, sobretudo “um lugar determinado e/ou percebido onde estão em relações dinâmicas e em constante

interação” (REIGOTA, 2004, p. 21). Pode-se ler, então, que:

[Maria Esther] Maciel, por exemplo, em sua obra *Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica* compreende que, por meio de uma biopolítica direcionada para as inter-relações entre o humano e meio ambiente, torna-se possível promover efeitos de conscientização humana diante da natureza e dos animais, enxergando-os como outros equipolentes, a quem devemos respeito. A primeira seção do escrito de Maciel (2011), intitulado “O animal nas fronteiras do humano”, agrega ensaios que reinserem em discussão filósofos e estudiosos da cultura que alçaram voz em conceitos sobre o ser “animal” e a possibilidade de definição do ser “homem”, demarcados histórica e ideologicamente. É nesse direcionamento que se posiciona Benedito Nunes em *O animal e o primitivo: os Outros de nossa cultura* (2007), o qual considera que na história da dominação humana, o animal, o primitivo e a natureza assumem essa posição de inferioridade por serem vistos pela cultura dominante, desde o apogeu da Grécia antiga, como “bárbaros”. Essa barbárie civilizatória ganha raízes até os dias atuais (NUNES, 2007) e, nesse sentido, posicionamo-nos a favor de que é emergente um processo de reeducação humana para endossar a necessidade de equilíbrio ecológico e surtir efeitos na realidade ambiental (SILVEIRA & SANTANA, 2020, p. 104, grifos dos autores).

Infelizmente, tanto na série analisada quanto na vida fora das telas do audiovisual, o que se nota é que raras vezes, a humanidade ressignifica positivamente sua relação com a natureza, tornando a segunda um lugar a ser explorado desenfreada e inconsequentemente. Ao afirmar, por exemplo, que os homens armados deveriam guardar suas munições para a proteção do equilíbrio da biosfera, considerando essa causa como uma forma de luta por justiça e igualdade, são colocadas em xeque as próprias condutas humanas. Os ideais de justiça, próprios da sociedade ocidental, são deslocados para um outro lugar, numa posição que atribui um efeito de autoridade àquele que enuncia, tornando-o capaz de exercer um julgamento, em que a sala do prefeito recém-eleito, Hirokawa, transforma-se numa espécie de tribunal. Esse discurso, que (re) produz juízos, coloca as ações humanas frente à natureza como um crime, ou seja, como uma forma de ataque ao ecossistema. Isso é feito de forma a justificar o ataque dos parasitas, que, ao se alimentarem-se de humanos, o fazem como uma ação necessária para o controle do equilíbrio ecossistêmico. É interessante notar que aqui o discurso ambientalista alternativo é proferido por uma entidade governamental, e, ainda assim, se opõe à ordem vigente. Tal instância é justificada pela adesão involuntária de um humano à causa dos parasitas (movimento subversivo à ordem), sob a figura do prefeito Hirokawa, que, sendo ideologicamente parasitado, se assujeita à demanda do ser extraterrestre.

A partir desse discurso ambientalista alternativo, podemos perceber relações de poder por meio de afirmações contundentes, como, por exemplo, quando é dito na cena analisada que “[t]odos nós temos que admitir que a verdade é uma só: a nossa população precisa ser bastante reduzida” (PARASYTE, 2014, s. p.). Notamos, também, que os enunciados supracitados apontam para uma forma de ressignificação do discurso de conservação ambiental, ao afirmar que “[a]té mesmo a conservação é totalmente distorcida a favor da raça humana” (PARASYTE, 2014, s. p.), ou seja, há uma crítica ao discurso ambientalista oficial, que se utiliza das questões de sustentabilidade para embasar as ações econômicas empregadas na sociedade contemporânea. Assim, a partir de uma lógica que tem fins econômicos, justificam-se as ações empresariais por meio de uma ilusória visão de uma (nova) sociedade ecologicamente sustentável (BONFIGLIORI,

2005).

Em relação ao episódio 23, este ocorre subsequente aos acontecimentos decorridos no episódio 21. Goto, um dos alienígenas mais poderosos da trama, criado em moldes experimentais e sendo composto pela associação de vários parasitas, passa a matar diversos seres humanos. Nesse contexto, colocando-se em seu caminho, Shinichi e Migi são perseguidos pelo alienígena, que tenta destruí-los a todo custo. Essa perseguição também se deve ao fato de que Shinichi é considerado uma ameaça aos parasitas, visto que ele é o único humano que teve o seu corpo invadido por um dos alienígenas e, mesmo assim, manteve a sua consciência intacta, sendo que os dois seres, parasita e humano, passaram a coexistir harmoniosamente (do ponto de vista biológico) num mesmo corpo, porém, com as mentes independentes.

Após uma série de embates, Shinichi consegue desarticular as células de Goto após introduzir um pedaço de graveto de um aterro sanitário, repleto de toxinas, no único ponto frágil do inimigo. Após esse ato, Shinichi e Migi conseguem derrotar momentaneamente Goto, que começa se regenerar aos poucos, reunindo as suas células num aglomerado disforme. Com 50 % de chances de sobrevivência (informação destacada no anime), o alienígena poderia ser exterminado ali mesmo, pelas mãos de Shinichi, se ele assim o quisesse. No tanto, em meio à imparcialidade racional de Migi, que não vê motivos para matar um dos seus, Shinichi tem, em suas mãos, a escolha de dar fim aquele terrível ser. A partir desse contexto, emerge o seguinte diálogo:

Shinichi: Na verdade, isso é extremamente lamentável.

[Lembranças das últimas palavras de outro parasita, chamado Reiko Tamura, morto em episódios anteriores]: Somos extremamente frágeis. Somos uma forma de vida que não consegue sobreviver por conta própria. Então, por favor... Não nos maltrate.

Shinichi: Mesmo assim, por que eles nasceram? Para aniquilar os seres humanos, agora que há tantos de nós? Para diminuir o nosso número por que poluímos a Terra? É verdade, as toxinas que produzimos estão levando as outras espécies à extinção. Essa é a prova. Goto era muito poderoso, mas não era páreo para toxinas num graveto.

Reiko Tamura: Somos dois lados da mesma moeda. Nós e os seres humanos somos uma mesma família.

Shinichi: Então, do ponto de vista da Terra, os seres humanos são os venenos, e eles são a cura? Quem decidiu isso? Quem decidiu o valor da vida humana em relação às outras formas de vida?

Migi: Você precisa se decidir. Não há tempo a perder.

Shinichi: Eu não quero matar ele. Uma vida que se esforçou tanto para sobreviver. É isso. Eu não quero matar! A minha relutância em matar é o último tesouro que ainda me resta de humanidade.

Migi: O que foi?

Shinichi: Não vou fazer isso. Eu sei que você vai achar estranho, já que a gente lutou tanto para chegar até esse ponto, mas se ele tem 50% de chance, eu prefiro deixar que o destino decida, não eu. Ele é diferente, não é humano que nem eu. Não quero impor os valores humanos a ele.

Migi: Eu entendo. Se essa for a sua decisão, eu aceito. Tá bom, vamos.

Shinichi: Talvez eu esteja cometendo um grande pecado por não interferir na vida dessa criatura, mas que direito eu tenho de dizer que um organismo não pode viver por ser prejudicial? Mesmo que não beneficie os humanos ou a Terra, a decisão não é minha. Para a Terra como um todo, não faz diferença.

Migi: Shinichi. Você acha que a Terra é bonita?

Shinichi: Não sei.

Migi: Eu odeio humanos que dizem que agem “pelo bem da Terra” sem um pingo de vergonha. Afinal, a Terra não ri e também não chora. A primeira forma de vida na Terra surgiu de uma piscina de sulfeto de hidrogênio.

Shinichi: Deixar a carga do destino... É? Afinal, eu sou só um humano insignificante. Tudo o que eu posso fazer é proteger a minha família. Sinto muito! Eu sei que a culpa não é sua (PARASYTE, 2014, s. p.).

O conflito de Shinichi mostra-nos os desdobramentos de uma série de questões relacionadas ao discurso ambientalista e ao que podemos considerar como “ser humano”. De um lado, há o instinto de sobrevivência, relacionado a uma questão de fragilidade, na qual valoriza-se a defesa dos seus, ou seja, de outros seres humanos. De outro, há uma forte culpabilização, que coloca o ser humano como aquele que não deve decidir sobre a existência, ou não, de outras formas de vida (como no enunciado: “não quero impor os valores humanos a ele”, no momento em que o protagonista decide não matar o rival). Nesse último, o discurso ambientalista alternativo demarca-se de forma expressiva, colocando o ser humano numa posição de dualidade. Em outras palavras, sabemos o quão somos fisicamente frágeis, se comparados a diversos outros fatores que podem ameaçar a nossa própria existência, como, por exemplo, a pandemia que vivenciamos no presente momento.

No entanto, também nos mostramos suficientemente egoístas com o nosso próprio bem-estar, a ponto de sacrificar outras formas de vida para atender à continuidade de nossa própria espécie. Assim, se por um lado há uma reverberação de um discurso ambientalista alternativo, que busca proteger a natureza e outros modelos de sociedade não predatórios, por outro, como mostrado principalmente pelo primeiro enunciado, o fazemos, muitas vezes, para a garantia de nossa existência, e não por pensarmos em nós, seres humanos, como seres vivos que são parte integrante de um meio ecossistêmico como um todo.

É interessante notar como a questão da relação com o ecossistema está presente no enunciado no qual o protagonista indaga: “do ponto de vista da Terra, os seres humanos são os venenos, e eles são a cura? Quem decidiu isso? Quem decidiu o valor da vida humana em relação às outras formas de vida?” Há, aí, uma (des) identificação: se somos o veneno e podemos ser a cura, não apenas isso diz respeito a uma suposta natureza das relações humanas, mas a possibilidade de resignificar as relações com o mundo em que vivemos. Nesse sentido, veneno e cura não são meras dicotomias aleatórias, mas indícios de uma reverberação discursiva que está associada ao terreno das ações humanas. Se toda ação humana é atravessada por relações de poder, como certa vez mencionou Foucault, então urge que se torna cada vez mais necessário “transformar a nossa vida, o que pode implicar numa desordem de costumes e desnaturalização de conceitos, de visadas, de comportamentos” (SILVEIRA & SANTANA, 2019, p. 102).

A partir dessas relações, compreendemos que o atravessamento das questões expostas na série animada, interesse de nossas reflexões, muito têm a nos dizer sobre o atual momento

pandêmico em que vivemos. Conforme aponta Santos (2000):

A pandemia do coronavírus é uma manifestação entre muitas do modelo de sociedade que se começou a impor globalmente a partir do século XVII e que está hoje a chegar à sua etapa final. É este o modelo que está hoje a conduzir a humanidade a uma situação de catástrofe ecológica. Ora, uma das características essenciais deste modelo é a exploração sem limites dos recursos naturais. Essa exploração está a violar de maneira fatal o lugar da humanidade no planeta Terra. Esta violação traduz-se na morte desnecessária de muitos seres vivos da Mãe Terra, nossa casa comum, como defendem os povos indígenas e camponeses de todo o mundo, hoje secundados pelos movimentos ecologistas e pela teologia ecológica. Essa violação não ficará impune. As pandemias, tal como as manifestações da crise ecológica, são a punição que sofremos por tal violação. Não se trata de vingança da Natureza. Trata-se de pura auto-defesa. O planeta tem de se defender para garantir a sua vida. A vida humana é uma ínfima parte (0,01%) da vida planetária a defender (SANTOS, 2000, p. 23).

Relacionando o atual momento de crise sanitária, ambiental, socioeconômica e política, proporcionada em meio ao contexto pandêmico, podemos dizer que, apesar de não termos ainda certezas sobre “o que” e “como” se originou o vírus, não é nenhuma novidade a compreensão de que a Covid-19, bem como outras doenças e desastres ambientais que há muito assolam o planeta, se deve ao impacto e aos efeitos das ações humanas sobre a natureza. Nesse sentido, questões como as pandemias que ocorreram em tempos outrora, o aquecimento global e os desastres ambientais, as toxinas lançadas no oceano com derramamento de petróleo, a radioatividade que inflige o meio ambiente devido aos “acidentes” nucleares, ou mesmo a toxicidade causada ao solo por aterros sanitários (como mencionado no episódio 23 do anime), são consequências das ações humanas sobre a natureza.

Cabe lembrar também que, tal como mencionado por Carlos (2011), ao pensarmos sobre as questões ecológicas, não se deve negar que o ser humano é parte integrante dessa relação. Nesse sentido, mais do que refletir sobre a ideia (estereotipada) do ser humano enquanto destruidor/predador da natureza, é necessário compreender que este “[...] se constrói historicamente a partir de sua relação com a natureza” (CARLOS, 2011, p. 76). Ademais, ao questionar sobre o que é ser humano, a animação nos possibilita refletir sobre a nossa própria constituição sociocultural.

Não obstante, há uma naturalização de sentidos, na qual podem ser situados fatores, como a capacidade de se emocionar, como se fossem algo intrínseca e unicamente humano. São então, reiteradas, na relação de Shinichi e Migi, as diferenças entre as duas raças: enquanto Shinichi se reconhecia inicialmente como humano a partir de suas emoções, tais como medo, anseios, paixões, dentre outras, emoções estas que o motivavam ou o limitavam, Migi era exatamente o oposto disso. Na animação, pode-se notar que o primeiro personagem era motivado a encarar ou a fugir de situações por suas emoções. Exemplo disso são os vários momentos que Migi precisa salvar a sua vida, devido à condição de vulnerabilidade apresentada por Shinichi, não somente física, mas também emocional. Contrariamente, em diversos momentos, Shinichi não mede esforços para salvar um humano pelo qual nutre sentimentos, como, por exemplo, em relação à sua mãe ou à jovem Satomi Murano, que, na série, representa a sua grande paixão juvenil. Porém, conforme alienígena e humano fundem as suas células, Shinichi começa a perder as suas emoções, sendo dotado de grande racionalidade, o que, para ele, torna-se um assustador motivo para questionar filosoficamente, por diversas vezes, o que, de fato, é ser um humano.

Em relação a Migi, como todos os outros parasitas, apresenta-se dotado de profunda racionalidade. Assim, de modo instintivo, o alienígena preza primeiramente por sua própria vida, deixando isso claro em diversos momentos. No entanto, no decorrer da animação, o intenso contato com um humano (Shinichi), que ele passou a habitar no lugar da mão direita, torna Migi mais sensível às emoções. Cabe ressaltar que, biologicamente, Migi e os demais alienígenas se parecem com formas que muito se assemelham às células do sistema nervoso, principalmente os neurônios. Essa analogia produz, metaforicamente, um efeito de racionalidade, para demarcar a personalidade dos parasitas. Por sua vez, essa representação da razão muito nos tem a dizer se pensarmos que se volta, primeiramente, à motivação de um restabelecimento do equilíbrio ecológico, ao configurar-se na forma das pretensões dos parasitas.

Mostra-se, na referida animação, que, para além de seres inteligentes e racionais, os seres humanos podem ser dotados de uma capacidade única de comoção, solidariedade, amor, fraternidade, palavras que poderiam ser utilizadas para definir sentimentos. Tais preceitos estão articulados aos valores mencionados anteriormente sobre o Paradigma Ambiental (MCCORMICK, 1992), bem como podem relacionar-se a outras perspectivas que não sejam antropocentristas, que buscam alternativas de esperança em meio ao caos que assola a humanidade, tal como ocorre na atual pandemia.

5 Considerações finais

A partir de produções como *Parasyte – The Maxim* e tendo em vista os recortes analisados, emergem reflexões sobre as (recentes e destrutivas) ações humanas na Terra. Por meio da produção de enunciados que reverberam os discursos ambientalistas, a série animada ora coloca de modo positivo as questões referentes à relação ser humano x natureza e aos moldes de compatibilidade do modelo de sociedade atual e das questões ambientais; ora coloca essas mesmas relações de modo pessimista, num discurso que oscila entre a convicção de que é preciso salvar a natureza a todo custo e a concepção que coloca o ser humano como o cerne desses desastres, com um potencial destrutivo, que torna impossível impedi-lo de incidir negativamente sobre a natureza e de matar as outras espécies.

Nesse sentido, a predominância da concepção antropocêntrica de sociedade, em que a natureza se traduz como bem material e é assujeitada às demandas do ser humano, são questionadas na animação, contrapondo-se a outros valores, como o direito à vida de outras espécies e o equilíbrio ecossistêmico, por meio de uma tensão posta sob a forma de um discurso ambientalista alternativo, que se propõe a (re) pensar os modelos de produção e de desenvolvimento. Por outro lado, nota-se, também, outro discurso oficial, que, embora mais apagado, se conforta com a hegemonia e à ordem atual.

No que diz respeito ao momento pandêmico e à crise mundial, *Parasyte – The Maxim* instiga reflexões sobre o lugar que o ser humano ocupa neste espaço discursivo, convidando-o a questionar estruturas e repensar a lógica dos mecanismos de funcionamento da sociedade. Apesar de o cenário atual se caracterizar por dúvidas a respeito do futuro e até mesmo sobre a própria ciência, em um movimento de incerteza (como vemos a intensificação do movimento anti-vacina, terraplanistas, etc.), compreendemos que algumas questões podem ser revisitadas posteriormente, como aquelas referentes às relações do ser humano pensado como um dos seres

situados no ecossistema e não como um ser que age inconsequentemente desconsiderando o mundo que o cerca.

Referências

BEGON, Michael; TOWNSEND, Colin R.; HARPER, John L. **Ecology from individuals to ecosystems**. United Kingdom: Blackwell Publishing, 2006.

BONFIGLIOLI, Cristina Pontes. Discurso ecológico e mídia impressa: análise de discurso de um acidente ambiental. **Caligrama**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-16, 2005.

CAMPOS, Josiane Vieira; WOLF, Paulo Henrique; VIEIRA, Milton Luiz Horn. O Design para o desenvolvimento de personagens: a psicologia arquetípica como ferramenta de criação e concepção de personagens para uma série animada. **Projética**, Londrina, v. 5, n. 1, 09 – 24, 2014.

CARLOS, Ana Fani Alessadre. O meio ambiente urbano e o discurso ecológico. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, v. 8, p. 75-78, 2011.

CARVALHO, Isabel Cristina M. **Territorialidades em luta**: uma análise dos discursos ecológicos. Dissertação (Mestrado em Educação) Instituto de Estudos Avançados em Educação, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1989.

CARVALHO, Isabel Cristina M. **A invenção do sujeito ecológico**: sentidos e trajetórias em Educação ambiental. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

COUTINHO, Marília. Os desafios historiográficos e educacionais da Ecologia contemporânea. **Em Aberto**, Brasília, v. 11, n. 55, 42- 48, 1992.

HERSKOVIC, Chantal. **Chegando em Springfield**: um estudo crítico sobre a série “Os Simpsons”. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, 2005.

JUNQUEIRA, Heloísa; KINDEL, Eunice Aita Isaia. Leitura e escrita no ensino de ciências e biologia: a visão antropocêntrica. **Cadernos de Aplicação**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, 145-161, 2009.

LAYRARGUES, Philippe P. O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental. In: LOUREIRO, Carlos Frederico B.; LAYRARGUES, Philippe Phomier; CASTRO, Ronaldo Souza de (Orgs.) **Educação ambiental**: repensando o espaço da cidadania. São Paulo: Cortez, 2002, 179-220.

LUÍZ, Fernando Teixeira. A desconstrução do herói tradicional no desenho animado: o caso da série ‘Pepe Legal’ (1960). In: SEMINÁRIO NACIONAL DE LITERATURA, HISTÓRIA E MEMÓRIA, 12., SEMINÁRIO INTERNACIONAL, 3., CONGRESSO NACIONAL EM ESTUDOS DA LINGUAGEM, 5., CONGRESSO INTERNACIONAL DE LEITURA E LITERATURA INFANTIL E JUVENIL, 2., Cascavel. **Anais...** Cascavel: Unioeste, 2017. p. 34-34.

McCORMICK, John. **Rumo ao paraíso**: a história do movimento ambientalista. Rio de

Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

MEDEIROS, Carlos. **Efeitos de relações de poder no discurso ecológico sobre preservação de árvores da arborização urbana de Recife/PE**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

MOTTA, Ana Luíza Artiaga Rodrigues. **O sujeito no discurso ecológico sobre a pesca na cidade de Cáceres estado de Mato Grosso**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

PARASYTE: the maxim. Primeira temporada. Criação Hitoshi Iwaaki. Produção Estúdio Madhouse. S. l. 2014. 552 min, son., col. Série exibida pela Netflix. Disponível em: <<https://www.netflix.com/br/title/80191008>> Acesso em 25 mar. 2021.

RICKLEFS, Robert E. **The economy of nature**. New York: W. H. Freeman and Company, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Almedina, 2000.

SILVA, Severino Rodrigues. **A constituição e a materialização do discurso ecológico em reportagens da mídia impressa brasileira**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

SILVEIRA, Éderson Luís; SANTANA, Wilder Kléber Fernandes de. “Ele não” como ato de resistência: notas sobre Bakhtin, Foucault e a necessidade de dizer a verdade em atos responsáveis. In: FRANCELINO, Pedro Farias; SANTANA, Wilder Kléber Fernandes de (Orgs.). **Bakhtin e o círculo em fronteiras do discurso**. Vol. 1. São Carlos: Pedro & João, 2019, p. 87-115.

SILVEIRA, Éderson Luís; SANTANA, Wilder Kléber Fernandes de. O impacto da ausência e a presença perniciosa: covid-19 e a necessidade de reeducação humana para sobrevivência do meio ambiente. **Acta Ambiental Catarinense**, Chapecó, v. 17, n. 1, p. 99-110, 2020.